

O niilismo nietzscheano e os valores: é possível encontrar valores na contemporaneidade?

Júlio Cesar Rodrigues¹

Resumo: Essa comunicação se propõe a apresentar as ideias do filósofo contemporâneo, o alemão Friedrich Nietzsche através do jesuíta Paul Valadier, ao buscar entender quais as novas perspectivas desse ser humano na contemporaneidade. Uma vez que, durante a Idade Moderna, ele se acostumou a se enxergar como o “senhor da natureza”, mas que na passagem para a contemporaneidade, se viu desnudo e perdido. Onde está Deus nesse momento? E os outros valores absolutizados do real (Verdade, Bem, Justiça) perderam seu lugar de referência máxima em nome de um niilismo não-destrutivo, mas possibilitador de realidades e genealogias de valores e ideais do ser humano e de suas escolhas ao longo do cotidiano.

Palavras-chave: Niilismo. Religião. Valores. Nietzsche. Genealogia

Introdução

A sociedade contemporânea se encontra diante do imenso desafio de construir um sentido para a sua história, mais do que apenas estabelecer as bases para esse sentido, o que se quer é entender o que é mais necessário na atualidade: reconstruir os valores vigentes ou assumi-los como novos valores, típicos desse tempo? Fato é que o professor de Ética e Moral de Paris, o professor Paul Valadier, traz para essa reflexão, aquele que é acusado – insistentemente – de tê-la iniciado, o alemão Friedrich Nietzsche. Nietzsche pergunta, de modo insistente: “de que vale reconstruir os valores se a base deles permanece a mesma? Não ficarão eles, também, contaminados com a opção desastrosa que permeia os meandros dos valores niilistas da sociedade atual? Não seria o momento de perceber o niilismo como uma oportunidade de repensar, de “*transvalorar*” todos esses valores que se encontram desemparrados e solitários? Só o ser humano pode (e deve), realmente, responder essa questão para si mesmo, uma vez que se ele

¹ Mestre em Ciências da Religião - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Grupo de Ciências da Religião e Cultura – Professor na Faculdade de Direito de Contagem - juliorodrigues2@yahoo.com.br

não o puder fazer, ninguém poderá. Dessa forma, o nihilismo que, em princípio, destrói e desqualifica, possibilitará a reconstrução de uma nova genealogia dos valores e enfim, do próprio ser humano frente ao mundo que o desafia.

Metodologia

A metodologia utilizada foi a da pesquisa bibliográfica, capaz de ampliar os horizontes dessa pesquisa. Esse desenvolvimento se volta pela leitura das obras de Paul Valadier, sobretudo, das bases da dissertação de mestrado que serviu de alicerce dessa pesquisa. Cada pesquisa busca se ligar a conhecimentos específicos que podem ser ampliados em cada nova compreensão de conceitos e de ideias.

Resultados e Discussão

1. Concepção axiomática moderna

Pensar a questão do valor e seu desenvolvimento ao longo da história é um amplo desafio, uma vez que ele é constantemente redefinido e reconstruído, de acordo com a história e com a sociedade, bem como os diversos contextos que são reconhecidos como formas de entender o mundo.

Paul Valadier se coloca diante dessa tarefa de modo contínuo, ao buscar entender a necessidade de se constituir novos valores. Valadier compreende que o conceito de valor não se encaixa com uma mera fundamentação objetiva, natural, alheia às ideias culturais baseadas na troca. Por outro lado, para Karl Marx, o conceito de valor se limita à própria noção de preço ou de valor de mercado (comercial), enquanto para o autor jesuíta, o ser humano não pode ser mensurado como no caso das trocas dos bens e das mercadorias, ou seja, no nível daqueles valores que são constituídos socialmente, comercialmente. E mesmo que seja inevitável que cada sujeito se encontre – pelo menos em nossa sociedade – fadado a uma prática econômica (já que necessita de vestuário, alimentação, trabalho), para garantir sua subsistência, pode-se conseguir um distanciamento suficiente da regra econômica. Portanto, ao pensar o valor, na perspectiva de

Valadier, exige-se que a compreensão seja feita a partir de uma dimensão subjetiva. *“Falar em valor é referir-se a uma apreciação que depende de uma subjectividade (sic) ou, mais precisamente, do desejo de um sujeito socialmente situado”* (VALADIER, 2007, p.46). Tal sujeito se caracteriza como aquele que, embora conte com dados fatuais, não se exime de escolher.

No âmbito da compreensão dos valores, a modernidade se caracterizou, no campo ontológico, pela ruptura com os referenciais que eram determinantes em sua formulação. Contudo, no tocante à constituição dos valores, passou-se a outro referencial. Paul Valadier identifica uma ruptura que propõe uma distinção entre o modelo das sociedades tradicionais do modelo propriamente dito “moderno”. Enfocar a necessidade de uma ruptura pressupõe a compreensão do modelo com o qual se rompe.

Na perspectiva dessa mudança de referencial no seio da modernidade, cabe ressaltar as características básicas segundo as quais as sociedades tradicionais podem ser compreendidas por Valadier. Caracteriza-se como um primeiro referencial das sociedades tradicionais, a determinação do papel do sujeito na constituição de valores. Neste modelo tradicional, a sociedade determina como e onde o sujeito deve encontrar o seu lugar em **cosmos** (ordenado em si mesmo). A obediência às determinações impostas é a garantia da felicidade do sujeito individual. Essa obediência, porém, não atesta o desaparecimento do sujeito, mas, ao contrário, garante o seu lugar no mundo. Sabedoria aqui é concebida como a capacidade de encontrar e garantir ao sujeito o seu lugar no mundo.

Uma segunda referência diz respeito à identificação do ser humano como cidadão. No modelo das sociedades tradicionais, o ser humano não é reconhecido como cidadão se não adota os costumes e as normas da cidade. É comum, neste modelo, reconhecer que fora da cidade só existe a barbárie. A terceira referência para Valadier, está fundamentada no modelo expresso na filosofia de Aristóteles e Tomás de Aquino. Neste caso, identifica o autor, os filósofos apresentavam o ser humano que atinge o seu fim enquanto o ser que responde às exigências fundamentais de sua natureza, isto é, enquanto buscam a felicidade de acordo com as regras recebidas e escolhendo os meios adequados para a sua realização. A divergência entre ambos clássicos

concerne apenas no fato do estagirita se basear na estrutura mundana de felicidade; e o escolástico a encontrar no seio da divindade.

Retomando o fio condutor desta reflexão, segundo o pensamento valadiereano, no início da modernidade ocorreu uma “revolução copernicana” acerca da compreensão do fundamento do valor. Naquele momento, observou-se uma mudança profunda dos paradigmas instituídos em todas as áreas, sobretudo porque, até então, os fundamentos da constituição moral da humanidade se baseavam em perspectivas teístas e teológicas. Se rompeu ali com a perspectiva de mistério, que obrigava as pessoas a recorrerem à entidade transcendental, a um Absoluto detido pelo poder eclesial. O cosmos passou a ser, desde então, transparente ao olhar do humano. O espaço moderno foi apresentado como homogêneo e calculável, não mais harmonioso graças à vontade de uma entidade superior. Sem a perspectiva de um Criador, o ser humano foi lançado à orfandade de sua existência, sem que haja “Alguém” que zele por ele, ou indique os melhores caminhos a seguir ou quais as escolhas fazer. Em termos filosóficos, assim se expressa o autor:

Uma ontologia precede e comanda qualquer possível axiologia, porque não existe nenhum “valor” fora desta ordenação de si com uma finalidade antecedente. Os bens procurados só têm “valor” enquanto conduzem a esse fim. É justamente esta perspectiva grandiosa que se encontra perturbada no princípio dos tempos modernos e que vai dar lugar a uma outra apreciação, na qual a axiologia (isto é, um pensamento pelo valor) comandará ou eliminará mesmo a ontologia. (VALADIER, 2007, p.49)

Desse modo, passou-se de um universo fechado, absolutizado e definido, por isso tranquilizador e limitado, para um universo infinito e ilimitado, aberto ao campo das infinitas possibilidades. O referencial das condutas morais, constituído a partir da referência divina, passa a ser determinado por leis matematizáveis e objetivas. Por isso, o sujeito está solitário, sem nada que o sustente ou apoie.

Qualquer pessoa que seja iniciada nos métodos das ciências modernas entra numa relação com o mundo largamente incompatível com o modelo

veiculado pelas sabedorias tradicionais, porque o cosmos toma a forma de um espaço homogêneo, neutro, obedecendo a leis ou a regras observáveis e sobretudo calculáveis; perde a dimensão misteriosa que lhe conferia um estatuto de referência para um comportamento harmonioso; reveste a dimensão de um infinito sem palavra e sem mensagem, o mesmo que assustava Pascal. (VALADIER, 2007, p. 50)

Baseando-se no conceito de alienação de Hannah Arendt, Paul Valadier constata que, pelo “estranhamento do mundo”, a modernidade se instalara no sujeito a partir do seu afastamento do mundo. Nascido com o advento da ciência moderna, o sujeito perdeu a compreensão da terra como a sua casa, a sua morada essencial. Não é mais a terra, o centro do universo, como defendeu o geocentrismo antigo e medieval, mas apenas um planeta como outros de outros sistemas que compõem uma galáxia. Dessa forma, o ser humano tem de buscar em si mesmo, as referências para ordenar sua existência. Esse movimento de saída, de distanciamento das “coisas do mundo”, institui novos referenciais: a busca de uma *neutralidade* – se é que isso é possível – nas experiências conferidas pelo afastamento do mundo, o retorno a um sujeito crítico de si mesmo e, ainda, a noção de que apenas o sujeito é fonte de sua felicidade, sendo sua obrigação encontrá-la. Esses referenciais se contrapõem àqueles instituídos pela sabedoria tradicional.

Esses traços constituíram uma ruptura ontológica em relação aos universos antigos de pensamento e solidão do sujeito, presentes nas sabedorias tradicionais. Dessa forma, sem um referencial ao cosmos ou a uma cidade ordenada não há outra saída, senão um retorno a um sujeito, considerado o único apto a procurar e a encontrar regras a sua conduta.

Para Paul Valadier, o alemão Friedrich Nietzsche teve consciência do paradoxo concernente a uma filosofia do valor, enquanto base para a compreensão do niilismo. Ao ser remetido para um mundo sem finalidade, sem uma suposta unidade, sem um Absoluto que o resguarde, a quem se será remetido? Inspirado no filósofo alemão, segue-se questionando: Quem garantirá a certeza das escolhas e forjará os ideais? A *filosofia do valor* quer ser uma forma de compreensão do sujeito, desviado por razões fundamentais, que busca encontrar as suas respostas adequadas no próprio

mundo – seja na cidade ou na natureza humana – fornecendo os meios para a fixação das orientações que regulamentem sua vida e sua cidade.

Assim, Paul Valadier – fundamentando-se nas ideias nietzscheanas – propõe uma maneira diferente de pensar a cultura. Os costumes que acabaram por influenciar as novas condições de formulação da moral e da formação de “novos valores” são analisados sob um ponto de vista que descarta o modelo sedimentado nas sabedorias tradicionais. Mesmo reconhecendo a mudança profunda ocorrida nos elementos que constituem esse paradigma moderno, é fundamental questionar o fundamento dessa mudança, visto que, em muitas situações o que ocorre não é a construção de novos valores, mas a fabricação de uma nova “roupagem” para esses mesmos valores. O cerne de cada valor moderno não é de uma mudança radical, mas de uma continuidade dos ideários que o constituíram tempos atrás.

2. Construção da Filosofia dos Valores

Segundo Valadier, no pensamento grego antigo, os sofistas construíram sua filosofia, a partir da consideração da capacidade humana de superar as dificuldades que fossem colocadas diante de cada ser humano. Protágoras, o filósofo que formulou a conhecida expressão “o homem é medida de todas as coisas”, coloca os seres humanos como a síntese de duas realidades diferentes: a divina e a humana. Nesse conceito de Homem, reúnem-se as dimensões mais efetivas de qualquer espécie: *“hábitos sucessivos, o da animalidade comum às espécies vivas, o da inteligência técnica propriamente divina, o do sentimento de honra e do direito, o homem pode subsistir exercendo as qualidades recebidas ou tirando partido dos dons dos deuses.”* (VALADIER, 2007, p.59)

Contudo, mesmo sendo portador dessas dimensões, dependerá da capacidade humana individual, a constituição dos valores, a sua aplicação no mundo. Por isso, cada ser humano deve ser utilizado como medida e compete a ele – e somente a ele – a definição de sua natureza, explorando suas possibilidades e conhecendo suas necessidades, obtendo delas as condutas

que lhe sejam mais adequadas. Considerando-se assim, os sofistas poderão ser chamados de “sábios”, no sentido de melhor se adequarem às necessidades tanto de exigências individuais, quanto sociais, de tal forma a encontrar o melhor comportamento para determinada situação. Pode-se justificar a compreensão dos sofistas como os “precursores” de uma filosofia moderna de valores, pois eles atribuem o comportamento moral a uma apreciação reta e calculada, justificada de acordo com a natureza de sua necessidade.

Segundo Paul Valadier, o “relativismo” protagoreano esvazia qualquer possibilidade de um juízo que escape às paixões individuais. Platão compreenderá, ao contrário, que não é o indivíduo, suas sensações e seus desejos, que determinam as coisas do mundo. Para este último, esta situação decorre de uma totalidade que proporciona a esses elementos encontrar sua função e sentido. É o corpo social, globalmente compreendido, que torna a harmonia visível, mais do que no indivíduo em si mesmo. *O indivíduo é apenas um microcosmo que interage no macrocosmo, a Cidade. A polis é o reflexo da condição humana ampliada.* Valadier observa que, distanciando-se dos sofistas, Platão se baseia numa dimensão totalitária da República:

não só o homem não é a medida de todas as coisas, como também não pode medir todas as coisas a não ser que se saiba medir a si mesmo, que encontre o seu lugar num conjunto estruturado e inteligível, e não restringindo-se a si mesmo e a seus próprios desejos. É antes a Divindade que é a medida de todas as coisas, é ela que dá a medida a todas as coisas. (VALADIER, 2007,p.66)

Dessa forma, o conflito entre os sofistas e os platônicos é o choque entre o indivíduo-imanente e a divindade-transcendente. Mesmo carecendo, naquele momento de vocabulário próprio, pode-se inferir, segundo o autor, que o indivíduo se mostra como **subjetivo** (sujeito) no discurso sofista, enquanto no discurso platônico, ele se revela condicionado pelas ideias do **todo**, que o define e sustenta.

Na modernidade, o contexto de uma *filosofia de valores* é o contexto de afirmação do sujeito moral, consciente de si e reivindicante de sua autonomia

frente os atos morais. Valadier recorda que Kant vai diretamente nesse ponto ao buscar o que constitui a essência moral. Para este, a essência moral se encontra essencialmente no sujeito, pois o que importa é a determinação de si mesmo. Contudo, no universo kantiano, a subjetividade precede qualquer outra consideração sem cair em um relativismo, que confunde a clareza de um valor de cunho individual com a necessidade de uma referência social.

Segundo Valadier, pela formulação nietzscheana se pode compreender as bases para uma *filosofia moderna do valor*. Para Nietzsche, segundo o autor, apenas em um contexto niilista é que se pode pensar em uma criação de valores. Tal perspectiva se circunscreve em um mundo onde os valores postos já não respondem mais às necessidades humanas. Os valores tradicionais foram instituídos a partir de uma negação da realidade, de uma vontade de nada, de uma perda da origem e do fundamento dos valores. Recorda, porém, que tais valores embora tivessem se mostrado absolutos, nada foram capazes de sustentar. Aqui nasceu o niilismo, enquanto negação da realidade suprassensível, como um “além-mundo”. Ao mesmo tempo, esta realidade cria no ser humano certa vaidade que o coloca como o único capaz de criar valores, ideais suficientemente necessários a si mesmo. Há, portanto, um certo antropocentrismo, creditado à capacidade da razão humana, que aposta no conhecimento e na moral enquanto construções humanas suficientes para lidar com as circunstâncias do mundo.

O idealismo se tornou um grande problema, no qual Nietzsche vê no ser humano uma busca, uma tentativa de uniformização que se impõe frente a toda diversidade e a outros seres humanos. Porém, o que na verdade acontece é a imposição de uma fraqueza, enquanto incapacidade de se reconhecer dentro de um mundo regido pelo *dever* – o movimento constante – e não pela expressão das falsas esperanças e necessidades de um “*homem médio e medíocre*” (VALADIER, 2007, p.73).

Apesar das críticas nietzscheanas conduzirem a uma sensação de desprezo e de apatia pelo já instituído, o que Nietzsche quer, de fato, não é instituir uma nova “tábua de mandamentos”. Fazer isso seria cair em um continuísmo que tanto já prejudicou a humanidade. Para Paul Valadier, Nietzsche demonstra, em sua abordagem, uma nova perspectiva a partir da

noção de *vontade de poder*. Esse conceito se apresenta em todos os “*jogos humanos*” e que se desenvolve na vontade que quer mais poder. A vontade de poder se revela, para Nietzsche, como um fundamento de toda a história, atuando de forma essencial no que se denomina a criação de um mundo, buscando, assim, o que se denomina como o valor dos valores.

A ideia de ser humano em Nietzsche, segundo Paul Valadier, deve constantemente se interrogar sobre o que quer em si mesmo, sem nunca esperar por uma resposta definitiva, mas abrir-se ao constante retornar ao seu ato, revisando-o sempre e nunca se considerando acabado e terminado. Tal como o artista que sempre busca sua obra, considerando-a constantemente inacabada, busca-se na *genealogia dos valores*, uma forma de compreensão desses, numa perspectiva que vai além de um individualismo radical, assim como englobando o ser social em sua própria subjetividade. Neste contexto, porém, tudo ainda depende da escolha do sujeito entre ser um mero repetidor, parte de um rebanho, ou o afirmar-se como ser criativo, não como um negador de um poder, mas como um afirmador da vida.

Concluindo, para Paul Valadier, o percurso descrito revela a problemática do valor está intrinsecamente ligado a um novo modo de pensar e de existir do ser humano no mundo. Principalmente, a partir das profundas mudanças que afetaram o ser humano moderno e que colocaram a dúvida como fundamento essencial de sua historicidade. Porém, estar na perspectiva desta abordagem da problemática dos valores é desafiar-se constantemente a buscar muito mais do que leis, normas e idealidades suprassensíveis, mas reconhecer a dimensão axiológica que define o ser humano em toda a sua constituição existencial. Para existir de fato, em um mundo sustentado pelo movimento, toda perda de movimento se torna uma profunda traição do princípio constantemente em ebulição: o devir.

Referências

RODRIGUES, Júlio Cesar. A INEVITABILIDADE DO RELATIVISMO E A SECULARIZAÇÃO: a situação da Igreja Católica, segundo Paul Valadier. Belo Horizonte, 2010.123p.

VALADIER, Paul. A ANARQUIA DOS VALORES: será o relativismo fatal? Tradução Cristina Furtado Coelho. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.212p.